

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A SUBVERSÃO POSSÍVEL EM *MEMÓRIAS DE MARTA*

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: THE POSSIBLE SUBVERSION IN *MEMÓRIAS DE MARTA*

Rosana Cássia dos SANTOS*

<https://orcid.org/0000-0002-3950-8157>

Resumo: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) teve uma grande atuação literária em seu tempo. Sua origem possibilitou essa atuação, uma vez que ela pertencia a uma família que lhe ofereceu uma boa formação educacional, inclusive parte dela em Portugal. A escritora pertenceu ao seu tempo, mas não se limitou a ele, pois além de filha, esposa e mãe dedicada, papéis atribuídos e quase exclusivos às mulheres de famílias mais ricas de sua época, exerceu também papel relevante na literatura, sendo reconhecida em vida. Ainda assim, conforme aconteceu com outras escritoras brasileiras do passado, também ela foi esquecida após seu falecimento, retornando aos poucos à área literária. Entre seus livros, destaca-se *Memórias de Marta* (1888). Neste romance, a escritora apresenta a personagem Marta em sua busca por educação e um emprego que garantisse o seu sustento e o de sua mãe viúva. No entanto, a narrativa também se preocupa em atender à moral da época, considerando o casamento como garantia de segurança. Conforme o contexto de época, é possível afirmar que Júlia Lopes de Almeida correu o risco de ser “castigada”, ao escrever um livro assim, e seu quase completo esquecimento por parte dos mais conhecidos livros de história da literatura brasileira talvez o demonstre.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; *Memórias de Marta*; literatura; história literária; esquecimento.

Abstract: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) had a great literary performance in her time. Her origins made her performance possible since she belonged to a family that offered her a good educational background, including part of it in Portugal. The writer belonged to her time but was not limited to it. In addition to being a daughter, a wife, and a dedicated mother — roles attributed and almost exclusive to women from the richest families of her time — she also played a relevant role in literature, and gained recognition in life. Even so, as it happened with other Brazilian writers in the past, she was also forgotten after her death, gradually returning to the literary field. Among her books, *Memórias de Marta* (1888) [*Martha's Memory*] stands out. In this novel, the writer presents the character Marta in her search for education and a job that would guarantee her and her widowed mother's livelihood not disregarding the morals of the time and, thus, considering marriage as a guarantee of security. By the context of the time, it is possible to affirm that Júlia Lopes de Almeida ran the risk of being “punished” for writing such book as her being almost forgotten in the best-known history books of Brazilian literature perhaps demonstrates.

Keywords: Júlia Lopes de Almeida; *Memórias de Marta*; literature; literary history; forgetfulness.

* Referências do autor 1. Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/CNPq. E-mail: rosanacassiadossantos@gmail.com.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) teve uma intensa atuação literária em seu tempo. Sua origem propiciou essa atuação, uma vez que ela pertencia a uma família de posses, o que fez com que recebesse uma boa formação educacional, inclusive parte dela em Portugal. A escritora pertenceu ao seu tempo, mas não se conformou a ele, pois além de filha, esposa e mãe dedicada, papéis atribuídos quase exclusivamente às mulheres de famílias mais abastadas de sua época, exerceu também papel preponderante na literatura, sendo reconhecida em vida, conforme pontuou, dentre outras, Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. Ainda assim, conforme aconteceu com suas predecessoras nas letras, também ela acabou por cair em esquecimento após seu falecimento, retornando aos poucos à cena literária. Em sua extensa produção literária, destaca-se *Memórias de Marta*, publicada em folhetim, em 1888. Neste romance, a escritora apresenta a jovem Marta, em situações adversas, e registra anos de sua vida que demonstram sua busca constante por educação e um emprego que garantisse o seu sustento e o da mãe viúva. No entanto, a narrativa paga tributo também às convenções sociais e ao casamento como garantia de segurança. O que se propõe neste texto é a tentativa de compreensão dessa linha tênue na qual a escritora tenta se equilibrar.

Considerando o contexto de época, é possível afirmar que Júlia Lopes de Almeida correu o risco de ser “punida” ao escrever um livro assim, e seu quase completo esquecimento, por parte dos mais conhecidos livros de história da literatura brasileira, talvez assim o demonstre. Apenas mais recentemente tem havido uma renovação de interesse pela escritora e por sua obra, com as novas edições de alguns de seus livros a receber uma atenção maior, especialmente quando um deles integra o espaço legitimado da literatura, como as listas de obras literárias de vestibular. São muitas e significativas as contribuições nesse sentido, dentre essas, há a de Nadilza Lopes Moreira, com seu livro *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*.

Esses espaços legitimados da literatura, sempre em consonância com a historiografia e o cânone literários, já foram negados à escritora, conforme a polêmica instaurada no momento da fundação da Academia Brasileira de Letras, quando seu nome foi vetado por ser mulher e a cadeira acabou por ser atribuída ao seu marido, Felinto Almeida. Michele Asmar Fanini tratou em detalhes dessa história em seu texto “Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras”. A primeira escritora a ingressar na ABL foi Rachel de Queiroz, em 1977. Em 2018, a candidatura de Conceição Evaristo recebeu um voto. A Academia Brasileira de Letras se mantém em sua postura ainda bastante conservadora. Atualmente, dos quarenta

membros efetivos, temos as seguintes mulheres: Fernanda Montenegro, Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli, Rosiska Darcy de Oliveira e Nélide Piñon. Além da Academia, há os livros de História da Literatura, cujos sumários mostram grande similaridade para o destaque de autores em seus capítulos. Desde as historiografias de Sílvio Romero e José Veríssimo, passando à de Antonio Candido até Alfredo Bosi, para citar alguns historiadores literários, as escritoras mal são referenciadas nessas obras. Esses livros assumem uma “aura” legitimadora, assim, muitos devem pensar que, se as escritoras não são praticamente citadas, deve ser porque não existiram (mas existiram) ou o que escreviam não possuía mérito (mas possuía mérito). Sobre a dimensão dessa perspectiva historiográfica, há a relevante contribuição de Rita Schmidt em seu texto “Centro e margens: notas sobre a historiografia literária”. Nesse contexto de legitimação, é pertinente, ainda, salientar os prêmios literários concedidos, as já citadas listas de obras literárias para os vestibulares, ou seja, diferentes instâncias que refletem uma mesma postura excludente que reverbera em vários tempos e lugares no mundo.

Convém ainda pensar que o fato de serem mulheres e de não integrarem esses espaços legitimados não equivale a deduzir prontamente que as escritoras do passado subvertessem o pensamento da época. Por vezes, algumas provocavam umas fissuras, e apenas o fato de escreverem e publicarem seria demonstrativo disso. No entanto, é preciso atenção à abordagem, para evitar a reprodução de estigmas e preconceitos em relação às escritoras. Essa fissura/ruptura associada à literatura de autoria feminina é complexa e exige uma postura cuidadosa, uma vez que as escritoras, assim como podem se distanciar, também pertencem ao seu tempo, e a ele pagam tributo. E, por vezes, para sobreviver literariamente, acabariam por fazer determinadas concessões. Em especial, as escritoras do século XIX e início do século XX utilizavam “estratégias” de sobrevivência no meio literário, no sentido de se salvaguardarem. Mesmo contemporaneamente, é importante reconhecer a permanência de uma dimensão de invisibilização do trabalho de escritoras. Muito se tem avançado, e é importante esse reconhecimento, assim como o reconhecimento de que há ainda um longo trajeto pela frente.

Em relação ao aspecto intimista na escrita de autoria feminina, em especial neste caso, quando a autora optou pelo tom memorialístico, torna-se pertinente refletir sobre as condições de produção literária por parte das mulheres, particularmente aquelas de nosso passado literário. A tendência intimista sobreleva os sentimentos íntimos, enfatizando o mergulho interior e aspectos memorialísticos. A temática intimista na literatura explora questões relativas a questionamentos pessoais e dos indivíduos com os valores sociais,

rememorações, solidão e introspecção. A vivência bastante cerceada das escritoras, muito circunscritas ao espaço privado, doméstico, ensejava uma escrita que refletisse essas condições, destacando as dissonâncias internas das personagens, com a adoção de um tom confidencial na expressão de sentimentos, os mais profundos, por vezes em conflito entre o eu e as convenções sociais.

O romance *Memórias de Marta*, de certa maneira, representa uma fronteira tênue, no sentido de provocar fissuras, sem romper de fato com os papéis sociais instituídos às mulheres no período, destacando que o contexto narrativo circunscreve a abordagem principal às mulheres brancas e que tiveram acesso à educação, como no caso de Marta. É importante ressaltar que muitas mulheres se encontravam em situações de ainda maior precariedade, escravizadas ou exercendo funções subalternizadas, sendo exploradas de diferentes formas.

Essa questão relacionada ao acesso às letras é salientada por Peggy Sharpe, em seu texto sobre Júlia Lopes de Almeida:

Nasceu no Rio de Janeiro, num casarão da rua do Lavradio, n. 53, onde a família mantinha o prestigioso Colégio de Humanidades. Era filha de um casal de intelectuais portugueses que exercia múltiplas atividades profissionais: o pai, uma pessoa influente, Dr. Silveira Lopes, era médico, professor e cronista da republicana e liberal *Gazeta de Campinas*, e sua mãe, Antônia Adelina do Amaral Pereira, além de educadora, também era concertista, diplomada em piano, composição e canto pelo Conservatório de Lisboa. (ALMEIDA, 2004, p. 190).

Para se tornar escritora, era necessário ter uma formação educacional, formação essa bastante restrita, no geral, e ainda mais restrita em se tratando das mulheres do passado. Esses são temas debatidos desde sempre, em especial por Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1929). Peggy Sharpe destaca:

As tensões geradas pela tentativa de conciliar as demandas sociais de sua existência são, de certa forma, transferidas para as histórias protagonizadas pelas mulheres de seus romances. Só que representadas, em alguns aspectos, de forma diferente, uma vez que a escritora tem plena consciência de que as oportunidades e privilégios que lhe foram oferecidos pela vida certamente não seriam vivenciados pela maioria das leitoras. (ALMEIDA, 2004, p. 206).

Tal prisma se coaduna com o que ressalta June Hahner: “Os homens de classe alta podiam ler obras de política ou filosofia, mas as mulheres daquela classe deveriam exercitar seu intelecto, ‘mais fraco’, com uma literatura menos exigente de caráter devocional e moralizador” (HAHNER, 2003, p. 126). Para conhecer melhor o tom

adotado por Júlia Lopes de Almeida, é interessante ressaltar um texto escrito por ela, no qual alia uma pauta relevante para as mulheres do período, aquela referente ao sufrágio feminino, assim como o espaço literário ocupado pelas mulheres. Trata-se da crônica “Um pouco de feminismo”, publicada em *O País* (RJ), em 13 de janeiro de 1908. A escritora escreveu sua crônica valendo-se de intensa ironia, e assim registra no primeiro parágrafo de seu texto:

É prudente não rirem muito da pretensão feminina do direito ao voto, tanto mais que esse riso não é dos que tonificam a alma, desinfetando-a, pelas duas rajadas salubres, da morrinha criada pela acumulação de melancolias velhas e tristezas mórbidas. Ao contrário, o riso que a aspiração ao direito do voto feminino provoca em muita gente, é um riso malsão, porque recende o escárnio e a ironia, armas que não resistem à força do tempo, que passa levando de roldão ideias e preconceitos, para só deixar de pé o que tiver sido exigido pela verdade e pela justiça. (ALMEIDA, 2004, p. 215).

Ainda destacando aquele tênue limite entre mostrar-se vanguardista por vezes, e tradicional e conformada por outras, a escritora salienta:

A mim, que tenho os olhos voltados para outras aspirações, essa do direito ao voto não me parece valer grandes sacrifícios; mas a minha humilde personalidade desaparece na vaga crescente de alaridos que engrossam, exigindo a criação de uma lei que confira aos dois sexos a escolha do governo do seu país comum. (ALMEIDA, 2004, p. 216).

A autora volta a tentar equilibrar sua postura e colaborar para reforçar a reivindicação do voto feminino:

Os que creem na firmeza e na independência do caráter feminino, pensarão talvez que o perigo está em deixar-se a mulher fascinar pelas ideias do marido e, levada pelas suas cantigas, votar inconscientemente nesse ou naquele nome que ele tiver sugerido. Nesse caso triste, ainda o voto da esposa submissa e moldável reforçaria o voto de um homem atilado e competente... [...]. (ALMEIDA, 2004, p. 217).

Mais adiante, retoma o tom combatente eivado de ironia:

Há quem receie que a preocupação febril, devoradora, das eleições, enuble os semblantes das mulheres, afeiando-as com as rugas do cálculo e palidez do susto. Descansem. O mundo não perderá o seu quinhão de beleza e de graça. (ALMEIDA, 2004, p. 218).

É necessário ressaltar que o direito ao voto para as mulheres no Brasil foi conquistado em 1932 – após intensa atuação das sufragistas brasileiras, em especial de Bertha Lutz. Incorporado à Constituição em 1934 como voto facultativo, em 1965, esse direito foi equiparado ao dos homens, tornando-se obrigatório.

O romance *Memórias de Marta* paga maior tributo ao século XIX, uma vez que foi publicado em folhetim na *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro, em 1888, entre 3 de dezembro de 1888 e 18 de janeiro de 1889. A primeira edição em volume saiu pela Casa *Durski*, de Sorocaba, em 1899. Para este texto, foi utilizada a edição acessada através do endereço eletrônico do Nupill – Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística da UFSC, em arquivo disponível na Biblioteca Digital de Países Lusófonos. Os excertos aqui utilizados dessa referida edição foram empregados conforme normas linguísticas e gramaticais vigentes atualmente. Houve ainda o cotejo com a edição do livro *Memórias de Marta* pela Editora Mulheres, em 2007, o que se mostra pertinente, uma vez que há inconsistência de datas e versões diferentes para o fim do romance. Nessa edição, há o registro das três edições até então conhecidas da obra. A primeira se refere à publicação do folhetim na *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, entre 03 de dezembro de 1888 e 17 de janeiro de 1889. A segunda, publicada em Sorocaba, pela Casa *Durski*, em 1899. A terceira, publicada pela *Truchy-Leroy*, Livraria Francesa e Estrangeira, em Paris, sem data, e registra que a segunda edição, citada há pouco, foi publicada em 1889.

Nessa edição da *Truchy-Leroy*, há uma “Dedicatória da autora”, de próprio punho, na terceira página do livro, datada de 1930: “À querida Lotte / Lembrança amiga de Julia [sem acento] Lopes de Almeida”. Logo abaixo do título do livro, a autora escreveu: “Paris, maio, 1930”. Em seguida, com parte do texto entre parênteses: “(Este romance [assim foi, portanto, classificado pela escritora] foi reeditado por ter sido o primeiro escrito pela autora, que por isso lhe quer bem). Nele verá um reflexo do Rio imperial”. Ainda nessa edição referenciada, na página anterior ao início do primeiro capítulo, temos: “A primeira edição deste livro foi publicada pela Casa *Durski* de Sorocaba em 1889 [na edição de 2007 aparece como sendo 1899]. Foi o primeiro ensaio do romance feito pela autora, que o concluiu ao mesmo tempo em que já escrevia – *A Família Medeiros* – (1885-1886)”.

A partir daqui, será utilizada a edição da Editora Mulheres (2007). Logo no início, no primeiro capítulo do romance, faz-se perceber o tom memorialístico do título:

Não tendo sabido viver; sinto entretanto um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles, e colher aqui e além, nos frangalhos da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres. (ALMEIDA, 2007, p. 41).

Ainda criança, Marta ficou órfã de pai, por conta da febre amarela, e passou a viver uma vida de grandes e maiores sacrifícios financeiros com sua mãe. Quando seu pai ainda era vivo, a família já passava por dificuldades financeiras, por seu pai ter perdido muito dinheiro no jogo e, por fim, ainda acabou por perder o emprego, acusado de roubo. Uma das maiores mudanças para ambas foi o fato de passarem a residir em um cortiço, com sua mãe engomando para fora, trabalhando de manhã até à noite. Para a protagonista, o que havia de mais importante era a oportunidade de estudar, e encontramos muitas frases como essas: “A escola não podia ser melhor!”; “Foi o que me valeu” (ALMEIDA, 2007, p. 48).

As diferenças sociais são expostas em vários momentos da narrativa. Em um desses momentos, Marta acompanhava sua mãe para a entrega das roupas e conheceu uma menina de sua idade, com uma família de posses, mostrando os contrastes entre elas: “Compreendi a minha fealdade pela primeira vez. Que diferença entre nós duas!” (ALMEIDA, 2007, p. 51). E a personagem principal demonstra a consciência dessa diferença social: “Por que não teria eu igual direito a possuir tudo, como a Lucinda, sem pedir ou aceitar esmolas?” (ALMEIDA, 2007, p. 52).

No período escolar, Marta fez amizades com algumas garotas, como Matilde e Clara Silvestre, como também com famílias que tinham muitas dificuldades para se manter. A autora apresenta alguns dramas de moradores do cortiço, demonstrando o desamparo dessas pessoas, em diferentes dimensões. Para além do aspecto social, a escritora tratou dos desdobramentos da miséria, como a violência, os vícios, a prostituição. Havia ainda as questões de saúde, como quando a narradora cita o fato de ter adoecido: “Foi neste março que adoeci gravemente com difteria. A doença alastrava-se pelo cortiço” (ALMEIDA, 2007, p. 67).

Este é um dos pontos relevantes do livro: a abordagem do cortiço feita pela autora a partir de uma ótica realista/naturalista, destacando circunstâncias, como a falta de estrutura mínima de saneamento, doenças a se alastrarem, com personagens representativos de classes sociais marginalizadas no Brasil Império. No livro, Júlia Lopes de Almeida situou o cortiço em São Cristóvão, mesmo local citado por ela em nota manuscrita e transcrita, que seguirá transcrita mais adiante neste texto. A personagem

Marta descreve o local: “Eu em começo estranhava aquela moradia, com tanta gente, tanto barulho, num corredor tão comprido e infecto, onde o ar entrava contrafeito, e a água das barreiras se empoçava entre as pedras desiguais da calçada negra” (ALMEIDA, 2007, p. 47). Uma das personagens a ganhar relevância é Carolina, filha de uma das vizinhas do cortiço, a qual demonstrava uma sensibilidade um tanto deslocada perto da dureza do lugar. Ela trabalhava bastante, parecia muito magra e adoentada, com um estranho inchaço nas pernas, além das muitas reprimendas recebidas da mãe, que se mostrava irritada e sem paciência com as condições nas quais viviam. Marta destacou em suas memórias que Carolina, “estupidificada pelo meio, nem tinha consciência do sofrimento...” (ALMEIDA, 2007, p. 60). Outra das crianças, com idade de dez anos, Maneco, “cheirava sempre a cachaça e vivia fumando as pontas de cigarro encontradas no chão” (ALMEIDA, 2007, p. 54). Conforme a narrativa avança no tempo, Marta apresenta Maneco mais e mais tomado pelo vício, estimulado por um vizinho, dono de uma venda, Joaquim, que o embebedava por diversão. Até ao ponto em que, ao chegar em casa, viu a vizinha, machucada e sangrando, sendo presa por atacar Joaquim aos muros, pelo desespero em ver o estado do filho deteriorando-se cada vez mais. Só foi libertada no dia seguinte, voltando então para os filhos. O fim de Maneco foi a morte. Marta foi ao seu velório e descreveu a mãe, contemplando o cadáver do filho: “Nenhum grito, nenhum acesso, nenhum ataque perturbou a tristeza grave daquela morte tão esperada e tão triste... Estavam todos quietos” (ALMEIDA, 2007, p. 90). Ao final de suas memórias, Marta reencontra casualmente a vizinha, que lhe dá notícias de sua filha. Carolina estava com as pernas cada vez mais inchadas, havia se casado, mudara para outro cortiço, era explorada e agredida pelo marido.

Outra personagem de destaque é Clara Silvestre, a referida amiga de infância de Marta, da qual perde o contato. Tempos depois, aos vinte anos, reencontra essa antiga colega de escola. Neste encontro, há um constrangimento entre elas, não apenas por estarem já adultas e sem contato, mas porque Marta percebe pela extravagância dos trajés e pelo exagero da maquiagem que Clara tinha se tornado prostituta. A protagonista reverbera sobre esse encontro, o fato de a vida lhes exigir tanto, o olhar doce e ainda cheio de amizade que Clara lhe dirigira quando se despediram. Momentos como esse do romance revelam a intenção de Júlia Lopes de Almeida em abordar questões sérias, complexas e, provavelmente, ainda bastante interditas, em especial para as escritoras do período, conforme salientamos neste texto. Assim, é importante que se reconheça esse gesto de intenção da escritora, ao não se reduzir o livro como a história de uma mãe que,

através de sua abnegação, garante à sua filha o acesso à educação e ao trabalho como professora. Não é tão simples delimitar *Memórias de Marta* justamente por esse fio tênue que borra os limites entre uma postura mais subversiva ou mais conservadora.

Uma espécie de mentora na vida de Marta foi sua professora, D. Aninha: “A professora começou a mostrar predileção por mim [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 70). Ela incentivava a protagonista a avançar em seus estudos e estava próxima a Marta em períodos determinantes de sua vida. O precoce amadurecimento feminino aparece potencializado por conta das dificuldades financeiras. Conforme palavras da narradora: “Eu tinha então treze anos, já era uma mulherzinha” (ALMEIDA, 2007, p. 71). A vida modesta de Marta se traduz no romance pela narrativa sem momentos de alegrias, comemorações ou viagens. Tudo é apresentado de forma austera, contida. A esperança da personagem era a de conseguir um bom trabalho para compensar a mãe pelos sacrifícios que fazia em nome da filha, para que ela pudesse seguir estudando e, principalmente, por si mesma: “[...] eu queria ser mestra para não morar em um cortiço mal alumado, infecto, úmido, nesta terra onde há tantas flores, tanta luz e tantas alegrias!” (ALMEIDA, 2007, p. 72-73).

Marta foi crescendo nessa expectativa, com a mãe amparando-a e tentando suprir a pouca vaidade que a filha demonstrava possuir. Com o auxílio de D. Aninha, conseguiu alcançar seu objetivo, tornando-se professora, conquistando seu primeiro trabalho docente. Sua primeira providência foi garantir que se mudariam do cortiço: “[...] combinamos sair no dia seguinte, domingo, a procurar na vizinhança do colégio uma casa pequena, independente e clara. Acabava-se a humilhação do cortiço [...]. O aluguel absorvia-me o ordenado inteiro!” (ALMEIDA, 2007, p. 92). A vida, porém, continuaria sendo modesta para elas.

Para uma existência dedicada ao estudo, e então ao trabalho, pouco tempo sobrava para que Marta tivesse envolvimento amoroso. Um encontro fortuito com um rapaz até tomarem o mesmo bonde, sem que passasse de alguns olhares trocados, fez com que se sentisse apaixonada, mas demonstrava possuir pouca autoestima: “Eu, além de feia, era inabilidosa. [...]. Asseguravam-me que ninguém pousaria em mim a vista com prazer [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 98). Por fim, direcionou sua atenção ao magistério: “Esmaguei o meu segredo absurdo e redobrei de assiduidade no trabalho e de esforço no estudo” (ALMEIDA, 2007, p. 99). Tanta abnegação valeu-lhe ser chamada de “a santinha”: “Assim cheguei à idade de dezoito anos, passando o melhor tempo a estudar para ensinar,

ou curvada sobre a costura, ao lado de minha mãe, que enfraquecia muito e trabalhava sempre, a engomar, a engomar...” (ALMEIDA, 2007, p. 99).

Um tema explorado pela autora neste romance é esse que remete à histeria atribuída às mulheres. São várias passagens nas quais Júlia Lopes de Almeida trata o tema através da protagonista. O profundo incômodo de morar em um cortiço, potencializado pelo imenso sacrifício da mãe para que Marta estudasse, fez com que ela se tornasse bastante ansiosa, conforme se lê no excerto citado a seguir: “O esforço intelectual pôs-me nervosa, irritada, magra. Tinha a constante preocupação de que ia ser vítima de um desastre imprevisto” (ALMEIDA, 2007, p. 87). Não apenas os estudos, mas também os assuntos amorosos colaboravam para o estado de ânimo de Marta: “Comecei a ter vertigens e um humor execrável em que me fechava num silêncio agressivo. Correu minha mãe alvoroçada ao médico e o médico aconselhou que me casasse. Aquilo era histerismo.” (ALMEIDA, 2007, p. 108). Os estigmas e preconceitos em relação às mulheres se alternam e assumem diferentes contornos ao longo dos tempos; o que permanece é a tentativa de controle do corpo e do comportamento feminino. A abordagem sobre os sentimentos amorosos de Marta aparece em alguns momentos de suas memórias. Além do referido encontro fortuito com um rapaz no bonde, houve ainda mais um envolvimento amoroso permeado por intensa ilusão, com aquele que seria considerado o estereótipo de “bom partido” da época, Luís, estudante de medicina e parente de sua professora e mentora, D. Aninha. Inicialmente, Luís correspondeu ao interesse de Marta, com direito à leitura de versos. Muito galante, certa vez lhe disse que seu ideal seria “[...] um lar iluminado pelo olhar doce de uma esposa honesta... um coração sincero e terno, onde sepultasse toda a sua vida... Eu ouvia-o, comovida” (ALMEIDA, 2007, p. 118-119). Contudo, algum tempo depois se interessou por outra (terminando por se casar com uma terceira...) e se afastou de Marta, sem muita cerimônia. Restou-lhe esquecer desse arroubo romântico e voltar a fincar bem os pés no chão, não sem derramar sentidas lágrimas. Sua dedicação estava mesmo direcionada à sua carreira, aos poucos compreendendo as diferenças e expectativas que podem aproximar ou distanciar as pessoas, além dos cuidados com as ilusões amorosas:

A minha nevrose, a minha dor de viver, de ser feia, de ser pobre, de ser triste, durou ainda muito tempo; e creio que não se extinguiu absolutamente... Chegou, porém, uma ocasião em que me senti mais e mais resoluto. Esforcei-me por estudar matérias novas. Devia em breve decidir-se minha sorte como professora; aproximava-se o tempo do concurso. (ALMEIDA, 2007, p. 143).

O excerto acima é bastante representativo da construção da personagem Marta, pela jovem escritora Júlia Lopes de Almeida. Através dessa passagem, é possível perceber a dimensão das abordagens propostas pela narrativa. A par da aura de ciência, ao abordar as questões psicológicas que poderiam acometer as mulheres, muito em voga no fim do século XIX, a autora não se deixou levar por esse caminho, e tratou de fortalecer sua personagem, que passa a focar em outras áreas de sua vida.

Encaminhando-se o romance para o seu fim, um dos fatos principais é a deterioração da saúde da mãe. E a narrativa, que até então se centrava na figura de Marta e na forma corajosa de enfrentar as adversidades, tornando-se protagonista de seu próprio destino, começa a delinear uma mudança de rumo. Talvez a personagem feminina estivesse tornando-se demasiadamente autônoma para o período, no fim do Império. É uma pena, pois não há como não se ler com tristeza o esforço por fazer com que Marta se interessasse por um obscuro pretendente, para garantir sua “segurança” através do matrimônio, uma vez que se aproximava o momento de se despedir de sua mãe, cada vez mais adoentada.

Ao final do romance, as questões aparecem assim delineadas: Marta é aprovada em concurso para professora; sua mãe está muito doente e a morte se avizinha; sua mãe intercede para supostamente “proteger” a filha, não a deixando “desamparada” após seu falecimento, praticamente impondo-lhe (ainda que de modo persuasivo e permeado por boa intenção) o casamento com um vizinho, Miranda, considerado homem bom e honrado, no entanto, sem brilho, sem despertar um maior interesse de Marta, que em princípio recusa o pedido de casamento e, por fim, acaba por aceitar, trazendo ao romance um traço amargo à vida da personagem, após sua conquista profissional. Assim, a narrativa se encaminha para a linha tênue de avanços e retrocessos da escritora Júlia Lopes de Almeida em relação à representação feminina. Alguns excertos dos diálogos entre Marta e sua mãe representam essa postura da subversão possível da autora:

Miranda é homem de quarenta e tantos anos, muito sério e bondoso. [...]. Não desejo casar-me... [...] Alcancei uma posição independente; não precisarei do apoio de ninguém. [...] Ouve-me, filha: a reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sopro a enturva... Pensa. (ALMEIDA, 2007, p. 148-150).

Após o matrimônio, ocorre o falecimento de sua mãe e Marta passa a dedicar-se ao marido. Na edição consultada da *Truchy-Leroy*, sem data de publicação, mas com a dedicatória de Júlia Lopes de Almeida datada de 1930, o romance termina neste ponto,

com o capítulo XIII marcando o fim da narrativa. A edição da Editora Mulheres, de 2007, apresenta o romance com o acréscimo de um “Apêndice”, o qual houvera sido suprimido em edições anteriores da obra. Nele, aparecem outras informações sobre a história de Marta, por exemplo, o fato de que ela teve uma filha, Cecília, quem a motivou para ter escrito suas memórias:

Por ela e para ela escrevi estas páginas monótonas mas profundamente sinceras. Nelas pus toda a minha vida; nelas notei todos os meus sentimentos bons ou maus; nelas lhe deixo um exemplo sublime, que não pude fazer ressaltar como devera, mas que é a melhor e mais sagrada das lembranças – a bondade da avó. (ALMEIDA, 2007, p. 166),

Aparece ainda uma observação após essa citação acima, que encerra o romance: “(parágrafos finais retirados do folhetim publicado em 1888)”. A edição da Editora Mulheres traz, ainda, em sua contracapa, a reprodução de uma nota escrita de próprio punho pela escritora, a qual segue abaixo transcrita, com a grafia atualizada:

Memórias de Marta

Este foi o meu primeiro ensaio de romance feito em solteira, sob a impressão de certas observações infantis, ele só foi publicado depois de um ano de casada. A adjunta Marta não será porventura a mesma pobre D. Marta que ajudou minha mãe Adelina a ensinar-me as primeiras letras? Creio bem que sim. Na do meu romance a fealdade está algum tanto atenuada. A que me serviu de modelo, sem consciência minha, tinha um olho branco e era juncada de bexigas. Sempre por isso ela me inspirou muita piedade. As cenas brutas do livro, o pequeno alcoólico, foram pressentidas através do muro que dividia o meu colégio de um movimentado cortiço de S. Cristóvão. Aquele ambiente inspirou a minha sensibilidade de menina, minha melancolia... Se tudo no livro é fantasia, toda essa fantasia sabia da verdade como o cheiro da maresia sabe do mar. (ALMEIDA, 2007).

As informações anotadas e reproduzidas nessa contracapa demonstram que a jovem Júlia Lopes de Almeida desejava enveredar de fato pela literatura, nesse caso, através do gênero romance, o que era ainda mais raro, ao se tratar de autoria feminina no século XIX. A modéstia, traço demonstrado por outras escritoras do período, aparece aqui também, ao classificá-lo como “ensaio de romance”. Partindo de sua vivência pessoal, ela criou uma personagem na qual projetou algumas questões já debatidas à época por escritoras e intelectuais, como Nísia Floresta, questões essas que destacavam a necessidade de que as mulheres tivessem acesso à educação. Essa era uma condição primordial para aquelas que desejassem adentrar no campo das letras, ainda (e sempre) tão cerceado para a autoria feminina, como bem o demonstram os registros historiográficos. Assim, a personagem Marta possui um papel relevante de representação

para as leitoras da época, pois apresentava uma personagem desde sua infância até conquistar o sonhado concurso de professora, período em que se expõe sua determinação frente a muitas adversidades, em especial, dificuldades econômicas. O acesso à formação educacional foi garantido, em grande parte, pelo sacrifício da mãe, ao trabalhar arduamente para garantir o sustento das duas, até que Marta começasse a trabalhar como docente. Uma personagem assim, que buscava, por seus esforços, estudar e trabalhar, era incomum à época. Na “orelha” da edição de 2007 da Editora Mulheres, Eliane Campello ressalta sobre o foco deste texto, ao apontar para a ruptura e a transgressão associadas ao romance de Júlia Lopes de Almeida:

Durante os anos de aprendizagem e formação de Marta na *Belle Époque* carioca, ela adquire força moral para, a exemplo de sua mãe, suplantar dificuldades. Nessa dimensão, a voz da autora rompe e transgride, pois oferece ao debate, em termos sociais e individuais, os limites da marginalização da protagonista. (ALMEIDA, 2007).

A mãe, sempre pronta a se sacrificar pela filha, age conforme os preceitos do passado e não aceita sua morte sem antes encaminhar a filha ao altar. As mesmas personagens, mãe e filha, que haviam sido inspiradoras constituindo uma família de mulheres que lutavam por si, nas páginas finais do romance passaram a precisar de uma referência masculina, através de Miranda. As passagens com a descrição nada lisonjeira do personagem ensejam pensar na dimensão de crítica nas entrelinhas que a autora tentou registrar, talvez no sentido de relativizar essa necessidade de uma representação masculina:

Era um homem de estatura mediana, gordo, calvo, com alguns fios brancos a luzirem-lhe na barba preta; de feições regulares, dentes pequeninos, e peito robusto.

Havia alguma coisa de paternal nos seus olhos, uma expressão de lealdade, de doçura que me inspirava confiança e tranquilidade. Falava sem preocupações incorrendo mesmo, uma ou outra vez, em certos vícios de linguagem: de maneiras que...

Eu notava aquilo sem desgosto, imersa numa atonia estúpida! Só depois de ele se ir embora é que eu, ironicamente, os enumerei a minha mãe; ela ouviu-me calada e depois afirmou-me que nem sempre os maridos mais ilustrados eram os melhores. (ALMEIDA, 2007, p. 154).

No texto introdutório da referida edição de 2007, escrito por Rosane Saint-Denis Salomoni, ela destaca o viés intimista e introspectivo do qual Júlia Lopes de Almeida se vale para escrever seu primeiro romance e a forma como ele foi praticamente ignorado pela crítica e pela historiografia literária:

[...] *Memórias de Marta*, escrita por ela entre os anos de 1885-1886, obra ignorada ou não registrada pelos poucos críticos ou historiadores que assinalaram sua produção nos manuais literários de seu tempo e por muitos que sobre ela fizeram pesquisas ou escreveram artigos e trabalhos nas últimas décadas. (SALOMONI, 2007, p. 8-9).

Se a personagem Marta surpreende por sua tenacidade, na busca por atingir seus objetivos, e, se para alcançar esse intento, ela tenha recebido o auxílio fundamental de sua mãe, o fim da narrativa é quase um retorno ao *status quo*. Após páginas e páginas de registro de suas memórias, nas quais a protagonista avança em seus objetivos de forma lenta, porém, consistente, a escritora Júlia Lopes de Almeida parece ter se intimidado com seu arrojo e trata de pagar tributo ao ideal do período, ao associar amparo e segurança ao matrimônio, ainda que fosse um casamento por conveniência. No entanto, o tempo mostrou, em síntese, que pouco valeu Júlia Lopes de Almeida ter relativizado o arrojo da personagem, pois isso não impediu que ela, como escritora, ficasse no ostracismo por décadas após sua morte e que, ao voltar novamente a receber atenção, um dos fatos relevantes a serem destacados de sua obra atualmente seja justamente a sua dimensão de subversão aos padrões da época.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Paris: Livraria Francesa e Estrangeira – Truchy-Leroy – 9, Rue Campagne-Première, 19--.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. “Um pouco de feminismo”. In: MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, p. 215-218.

CAMPELLO, Eliane T. Amaral. “Orelha”. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001**. São Paulo: Escrituras, 2002.

DUARTE, Constância L. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: Ed. Universitária/UFRN, 1995.

FANINI, Michele Asmar. “Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras”. **Estudos De Sociologia**, 14 (27), 2009. Disponível

em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941>. Acesso em: 06 de abril de 2023.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2003.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. “Introdução”. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007, p. 7-20.

SCHMIDT, Rita T. “Centro e margens: notas sobre a historiografia literária”. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo, 2010.

SHARPE, Peggy. “Júlia Lopes de Almeida”. In: MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, p. 188-238.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Recebido em: 29/10/2022.

Aprovado para publicação em: 17/03/2023.